



**UFSM**

**Artigo Monográfico**

**A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA  
APRENDIZAGEM**

**ROZI TEREZINHA GONÇALVES DE CASTRO**

**SANTA MARIA, RS, Brasil**

**2007**

# **A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM**

---

**por**

**ROZI TEREZINHA GONÇALVES DE CASTRO**

Artigo apresentado no Curso a Distância de Especialização em  
Educação Especial do Centro de Educação da Universidade  
Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do  
grau de  
**Especialista em Educação Especial**

**SANTA MARIA, RS, Brasil**

**2007**

**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Centro de Educação**  
**Curso de Pós-Graduação - Especialização em Educação**  
**Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de  
Especialização

**A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA**  
**APRENDIZAGEM**

elaborado por

**ROZI TEREZINHA GONÇALVES DE CASTRO**

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e***  
***Educação de Surdos***

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Leandra Bôer Possa**  
(Presidente/Orientador)

---

**Dr. Sílvia Maria Pavão**  
(Examinadora)

---

**Profa. Dr. Ana Cláudia Pavão Siluk**  
(Examinadora)

Santa Maria, dezembro de 2007

## RESUMO

### A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

AUTORA: Rozi Terezinha Gonçalves de Castro  
ORIENTADORA: Leandra Bôer Possa

O presente artigo aborda a afetividade e as relações interpessoais na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, com ou sem dificuldades cognitivas. Um dos eixos das mudanças na educação passa pela transformação da mesma em um processo de comunicação autêntica e aberta entre professores e alunos, incluindo a família, a escola e a comunidade. Compreender a dimensão da afetividade na vida das pessoas, em especial de nossos alunos, que incansáveis vezes chegam na escola com muitas marcas e rótulos é necessário e muito mais amplo e sério do que possa parecer. A relação afetiva vai além do bem-querer, é um processo construído no lar, na escola, na relação com o professor, colegas e grupos nos quais se convive. O afeto constitui, portanto, um processo interativo, cada um de nós contribui com uma parcela, na construção dinâmica do mosaico sensorial-intelectual e emocional de cada aluno. As emoções estão presentes quando buscamos conhecimento, quando estabelecemos relações com objetos, concepções e pessoas. O afeto e o conhecimento constituem-se como inseparáveis, eles estão presentes em todos os momentos, em maior ou menor proporção. O afeto também implica em expressividade, comunicação e conhecimento. É sobre essa ótica que abordaremos a afetividade e o seu papel nas relações humanas, e conseqüentemente influenciando o desenvolvimento da aprendizagem, tendo o afeto como fonte elevadora da auto-estima e valorização do aluno. Este artigo busca caracterizar a inter-relação e a interdependência dos comportamentos do domínio afetivo, cognitivo e psicomotor de modo a evidenciar que em cada momento do processo educativo deve se dar atenção a todos eles, para que se promova o desenvolvimento integral e harmonioso do educando. Verificar também que a qualidade e a característica do processo ensino-aprendizagem, mais do que seu conteúdo, é fator determinante do desenvolvimento de aprendizagens do domínio afetivo. A metodologia utilizada foi estudo de caso, em duas escolas públicas, relacionando a realidade e as situações vivenciadas em cada uma delas, pelos alunos, professores, escola como um todo e a família. Buscamos nesta pesquisa respostas para as inquietações e conflitos que fazem parte de nossa prática pedagógica, procurando auxiliar e promover nossos alunos, utilizando estratégias que visam a valorização do ser; apostamos nas possibilidades de êxito de um trabalho envolvendo a afetividade e as relações de amorosidade entre as pessoas. A pesquisa realizada abrangeu alunos de primeira e segunda série do Ensino Fundamental- Educação Básica, com histórico de repetência de no mínimo três anos na mesma série; teve como fator importante também, neste trabalho, o fato de os alunos serem avaliados com dificuldades de aprendizagem ou mesmo portadores de necessidades educacionais especiais. Foram norteadoras deste trabalho as seguintes

questões: se realmente a aprendizagem dos alunos pode estar relacionada ao seu desenvolvimento afetivo; qual a concepção do aluno e do professor sobre a afetividade e seu real valor; como o professor concebe e desenvolve a afetividade e relações interpessoais com seu grupo escolar; e se os alunos sem estrutura afetiva se desenvolvem adequadamente e qual a visão dos professores e conseqüentemente da escola sobre a afetividade.

**Palavras chave:** afetividade - relações interpessoais - aprendizagem

## **ABSTRACT**

### **THE AFFECTIVITY AND THE DEVELOPMENT OF LEARNING**

AUTHOR: Rozi Terezinha Gonçalves de Castro  
PERSON WHO ORIENTATES: Leandra Bôer Possa

This article addresses the affectivity and interpersonal relationships in learning and development of the students, with or without cognitive difficulties. One of the priorities of the changes in education goes beyond the transformation of the same in a process of genuine and opened communication between teachers and students, including the family, school and the community. Understand the size of affectivity in people's lives, especially for our students, who often arrive at school tireless with many brands and labels, is needed and more extensive and serious than it may seem. The affective relationship goes beyond well-wishing, it is a process built at home, at school, the relationship with the teacher, colleagues and groups in which one lives. The affection is therefore an interactive process, each of us contributes a share, in the construction of the dynamic sensory-intellectual and emotional mosaic of each student. The emotions are present when we seek knowledge, when we establish relationships with objects, ideas and people. The affection and knowledge constitute themselves as inseparable, they are present at all times to a greater or lesser proportion. The affection also involves expressiveness, communication and knowledge. It is on that perspective that we will approach the affectivity and its role in human relations, and thus influencing the development of learning, and the affection as an elevating source of self-esteem and appreciation of the student. Some cases were studied in the classroom, seeking answers and betting on the chances of success of a work involving the affectivity and relations of lovely between people. This article looks for to characterize the interrelation and the interdependence of the behaviors of the domain affectionate, cognitive and way psychomotor to evidence that in every moment of the educational process it owes if to give attention the all of them, for the student's integral and harmonious development to be promoted. To verify also that the quality and the characteristic of the process teaching-learning, more than his/her content, is decisive factor of the development of learnings of the affectionate domain. The used methodology was case study, in two public schools, relating the reality and the situations lived in each one of them, for the students, teachers, school as a whole and the family. We looked for in this research answers for the inquietudes and conflicts that are part of our pedagogic practice, trying to aid and to promote our students, using strategies that seek the being's valorization; we bet in the possibilities of success of a work involving the affectivity and the lovingness relationships among the people. The accomplished research included students of first and second series of the Fundamental Teaching - Basic Education, with repetition report of at least three years in the same series; he/she had as important factor also, in this work, the

students' fact be considered as people with learning difficulties and even bearers of special education needs (they related the difficulties with mental discrepancy). They were the guidelines of this work the following subjects: if really the students' learning can be related to his/her affectionate development, which the student's conception and of the teacher on the affectivity and his/her Real value, as the teacher becomes pregnant and it develops the affectivity and relationships interpersonal with his/her school group, if the students without affectionate structure grow appropriately and which the vision of the school about the affectivity.

Keyword: affectivity - interpersonal relationships - learning

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 AFETO, AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 MECANISMOS DE AÇÃO DA EMOÇÃO EM RELAÇÃO AS AÇÕES DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>22</b>
<b>2 ESTUDO DE CASO: A INTERPRETAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE AFETIVIDADE NOS CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM, FAMÍLIA E ESCOLA.....</b>	<b>25</b>
<b>3 QUESTIONANDO PROFESSORES SOBRE AFETIVIDADE.....</b>	<b>32</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>5 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

A máxima que ouvimos nos discursos pedagógicos é que o aluno é um ser integral e total e que seu processo de desenvolvimento e aprendizagem no contexto da escola se dá nos aspectos cognitivos, motores e afetivo-emocionais. No entanto, percebo como educadora que as relações afetivas são balizadoras para os processos de desenvolvimento e aprendizagem, pois incitam relações que possibilitam pelo desejo e pela motivação individual ser e estar num grupo social de aprendizagem.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo monográfico foi identificar como as crianças do Ensino Fundamental, que apresentam dificuldades de aprendizagem, representam as relações de afeto que vivenciam e sentem a partir de sua relação com os membros da família e da escola. É com esse intuito que apresento a análise de entrevistas realizadas com seis alunos, buscando analisar e refletir sobre como esses representam, e por isso, revelam e explicitam as relações de afeto que lhes são aferidas pela família e pela escola. É, portanto, a partir desses dados que busco compreender sobre a importância da afetividade e das relações de afeto que são construídas na família e na escola, para o sucesso ou insucesso na aprendizagem de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

A partir das minhas experiências como educadora vejo e penso que o afeto e, por isso, as relações de afetividade são fatores preponderantes no desenvolvimento de meus alunos. As relações estabelecidas na família e na sala de aula, com professor e colegas, representam e dirigem comportamentos e atitudes dos alunos em relação aos outros e com o conhecimento.

A minha experiência de educadora tem apontado para a identificação dos alunos que, ao interpretarem e perceberem relações afetivas positivas, compreendem a si mesmos e constituem-se de auto-estima e auto-imagem positiva para os processos de relação social e com

o conhecimento. Por outro lado, alunos que interpretam a realidade das relações de afeto numa via negativa, parece constituir-se de problemas na identificação de sua auto-imagem e auto-estima diante dos outros e do conhecimento.

O objetivo deste trabalho é buscar respostas para as questões que o norteiam : a influência da afetividade no desenvolvimento de alunos com dificuldades de aprendizagem; se a relação professor- aluno e a interação com o grupo podem ser motivadores e estimuladores para a superação de dificuldades e se a afetividade pode alterar situações de risco em alunos com dificuldades de aprendizagem, socialização e que tem uma estrutura familiar deficiente.

Analisar também as experiências docentes incorporadas a um levantamento de dados junto aos alunos é a meta deste artigo monográfico que passarei a fundamentar e construir.

Defendo a idéia de que uma relação baseada no respeito, na compreensão da realidade vivenciada pelo aluno e na mediação do carinho com o estabelecimento de regras (não falo no sentido de imposição mas sim de construção), e cumprimento de tarefas, ou seja, compreendendo mas estimulando que o aluno supere suas dificuldades pode-se caminhar para um processo ensino aprendizagem, onde ambos são ativos, professor e aluno.

## **1 AFETO, AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM**

Há muito tempo se discute no campo da educação a importância do afeto e das relações da afetividade para os processos de aprendizagem. Nesse sentido, já se pode concluir que as relações de afetividade e, por isso o afeto, se constituem em marcas indissociáveis dos processos de aprender.

Afeto pode ser conceituado como “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável, que se manifesta por uma descarga emocional violenta, física ou psíquica, imediata ou adiada” (NUSSNER, 2001, p.50).

Ainda segundo Nusser (2001) tanto o afeto como a inteligência dependem do funcionamento do pensamento, de suas estruturas lógicas e simbólicas. Assim, fica cada vez mais impossível separar o estudo da aprendizagem humana entre o que seria desenvolvimento de relações afetivas e construção de conhecimento.

Nessa mesma perspectiva, Wallon (1989), considera que a cognição é importante, mas não mais importante que a afetividade ou a motricidade. Ele reconhece que o fator orgânico é a primeira condição para o desenvolvimento do pensamento; ressalta, porém, a importância da influência do meio. O ser humano seria o resultado de influências sociais e fisiológicas, de modo que o estudo do psiquismo não pode desconsiderar nem um nem outro aspecto do desenvolvimento humano. Por outro lado, para o autor, as potencialidades psicológicas dependem especialmente do contexto sócio-cultural. O desenvolvimento do sistema nervoso, então, não seria suficiente para o pleno desenvolvimento das habilidades cognitivas.

O desenvolvimento do pensamento, na definição de Wallon (1989) é um processo pelo qual o indivíduo emerge de um estado de

completa imersão social em que não se distingue do meio, para um estado em que pode distinguir seus próprios motivos dos oriundos do ambiente. Desenvolver-se torna sinônimo de identificar-se em oposição ao mundo exterior.

O desenvolvimento ocorreria através de um processo assistemático e contínuo, em que a criança oscila entre a afetividade e a inteligência.

O desenvolvimento, numa perspectiva construtiva da aprendizagem de ser no mundo, de integrar-se e conhecer o mundo humano e sua cultura, ocorre por uma sucessão de etapas de vida e interação, tendo em vista a transformação de si, em que a criança para se desenvolver necessita interagir no e com o mundo e com os outros. Essa interação é permeada por relações de afeto e de conhecimentos que ampliam a capacidade e potencialidade de inteligência/pensamento da criança.

Essas idéias de desenvolvimento são produzidas por uma teoria construtivista tendo Piaget e Wallon como principais estudiosos. O desenvolvimento é movido por conflitos, que são elementos consideráveis na apropriação de conhecimento da criança, dialeticamente, discutida de maneira análoga (semelhante) à combinação de acomodação, assimilação e equilíbrio na teoria Piagetiana.

Tudo isso significa que os conflitos (desestruturação), tanto emocionais quanto cognitivos levam a criança a desenvolver competências e novas estruturas de conhecimento, tanto em relação a si própria quanto ao outro.

A emoção e a afetividade se completam, sendo a primeira um fenômeno psicológico e fisiológico que é caracterizada pela reação, é a forma como exterioriza a afetividade. A afetividade seria conseqüentemente o conjunto desses processos psíquicos exteriorizados através das emoções.

As emoções estão presentes quando buscamos conhecimentos, quando são estabelecidas relações com outros indivíduos ou concepções.

O afeto e o conhecimento são aspectos inseparáveis, em qualquer atividade, embora as proporções variem. A afetividade e a inteligência são estruturadas pela ação do indivíduo; o afeto também é expressão, comunicação.

O processo de conhecer a si mesmo e o outro já está internalizado na pessoa e aí se encontra a importância da afetividade, criar um elo para o desenvolvimento integral do ser humano, de forma harmoniosa e equilibrada, vivenciando cada momento da vida, não apenas os bons, mas também aqueles que contrariam, que fazem refletir e procurar entender seus porquês.

Wallon considera as emoções como a primeira ferramenta de interação com o meio, como elemento essencial para que desenvolva inteligência. Como o autor afirma, a emoção é o substrato do ato cognitivo e o afeto é a raiz do intelecto. Segundo Nussner (2001, p. 34), apoiado nas idéias de Wallon “[...] é no nível afetivo que a pessoa se origina, mas é na inteligência que ela se completa”.

Continuando pode-se identificar a conceituação que Vygotsky dá as emoções. Para ele as emoções “[...] surgían em momentos em que el equilibrio del organismo y el médio se rompía de una u outra forma” (BOZHOVICH apud REY, 2000, p.138). Envolve, portanto, uma espécie de resultado de avaliação feita pelo organismo em sua relação com o meio (VYGOTSKY, 1991).

Vygotsky (1991) menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais de um lado e os volitivos e afetivos de outro, propondo a consideração da unidade entre esses dois processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nessa esfera estaria a razão última do pensamento e assim a compreensão completa do pensar humano; que só é possível quando se

compreende sua base afetivo volitiva; a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.

O autor ainda afirma:

A análise em unidades indica o caminho para a solução desses problemas de importância vital. Demonstra a existência de um sistema que cada idéia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento da realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda, seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos da pessoa, até a direção específica tomada por seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e a sua atividade (VYGOTSKY, 1991).

A valorização da pessoa, independentemente de possuir ou não limitações é um direito de cidadão, de alguém que faz parte e contribui com sua cultura, com sua leitura de mundo e com seu trabalho na sociedade, na qual deve conviver e não viver a mercê da mesma.

O meio social tem um papel muito importante no desenvolvimento das pessoas dependendo do tipo de relações que são estabelecidas, pode elevar a auto-estima ou ser formador de preconceitos e estigmas.

Para Vygotsky o meio é fator determinante para a construção das estruturas mentais onde cada indivíduo aparece como ativo participante de sua própria existência, construída na inter-relação com outros sociais. Dentro de cada estágio do seu desenvolvimento a criança desenvolve a capacidade com a qual ela pode, competentemente, afetar o seu meio e a si mesma (VYGOTSKY apud VASCONCELOS & VALSINER, 1995, p.46).

Essa capacidade vai acontecendo ao longo do desenvolvimento, onde o indivíduo internaliza as formas culturalmente dadas de comportamento, num processo em que atividades externas e funções interpessoais, transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas (OLIVEIRA, 1992, p.27).

Os diferentes ritmos, comportamentos experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimentos de cada criança (e do professor), possibilitam no cotidiano escolar a troca de

repertórios, de visão de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüente ampliação das capacidades individuais (REGO, 1997, p. 110).

A diversidade proporcionará benefícios através de situações de interação distintas, proporcionadas pelo convívio com os mais diversos

níveis intelectuais, além de ritmos e idades diferentes, o que certamente levará a um maior enriquecimento do universo particular de cada um.

Segundo Vygotsky (1991) a criança devia ter o direito ao desenvolvimento através da sua experiência com as diferenças, mesmo que para ter acesso a esse saber diferenciado fosse preciso usar caminhos (GÓES, 1996, p.47). A instituição escolar é o lugar, por excelência, onde deve ocorrer a socialização do saber sistematizado universalmente.

Para que esse saber ocorra de forma competente, é necessário a intervenção deliberada do professor, através do uso de estratégias pedagógicas que proporcionem a interação dos alunos com seus colegas e com ele próprio, amplie seu nível de aprendizagem, possibilitando um marco para os desafios.

Sendo assim, essas estratégias podem também trazer vantagens para o professor, se ela for vista como um instrumento de possibilidade de renovação da sua prática pedagógica. Além de principal agente na trajetória dos alunos nesse processo, o professor é também o mediador mais importante nessas interações entre os alunos e os objetos do conhecimento. Cabe a ele, não só estimular essas interações, mas principalmente promovê-las no seu dia a dia em sala de aula, adotando uma posição de busca do significado das condutas dos seus alunos para uma intervenção pedagógica mais adequada, pois “muitas das mais intensas emoções humanas surgem durante a formação, manutenção, rompimento ou renovação dos vínculos emocionais” (BOWBY,1998, p.235).

O processo de aprendizagem e o conseqüente desenvolvimento da criança perpassa pela interação dela com o mundo, gradualmente fazendo relações entre seus atos e o meio, desde bebê o ser humano vai construindo competências e habilidades para conhecer, viver e continuar aprendendo o mundo, além de expressar-se. Por isso, como afirma Nussner (2001, p. 65) “o saber só chega ao aluno pela via da afetividade” e por isso das relações.

Assim as emoções se traduzem em relações afetivas sejam com os outros ou com o conhecimento, sejam elas relações que acontecem no início da vida do bebê ou quando esse já é criança, adolescente, jovem ou adulto, pois dessas relações que se produzem os significados para os saberes que o ser humano constrói do mundo. Por isso entende-se que a afetividade seja “um conjunto de manifestações psíquicas, representadas pelas emoções, sentimentos, inclinações e paixões; como capacidade de sentir, de experimentar estados afetivos e de agir e reagir efetivamente” (Nussner ,2001, p. 65, apud ELIAS, 1997, p. 92) .

Aquilo que de bom e de mal aprendemos, vivenciamos, experimentamos como estados afetivos orientam a maneira de agir do ser humano, porque é a afetividade que ajuda a organizar e que é organizada pelo mundo simbólico, que representa aquilo que aprendemos. Ou seja, a afetividade ajuda o ser humano a organizar seu mundo simbólico e por isso as representações individuais, saberes do mundo, pois são os símbolos que possuem a função de representar a realidade num plano individual, pois, “o homem é um animal simbólico [...] investe em objetos que causam prazer ou desprazer [...] os símbolos formam-se então, porque aos poucos esses objetos vão se afastando de nos deixando como marcas o símbolo” (NUSSNER 2001, p. 50, apud SALTINI, 1999).

Um exemplo dessa questão do símbolo são as crianças com dificuldades de aprendizagem na escola, quando elas não sabem escrever ou fazer cálculos, esses conteúdos não são mais objetos de aprendizagem se transformaram em símbolos de não aprendizagem,

função contrária a que eles têm na escola. Diante disso Pain afirma: “sentir um afeto é, em resumo, outorgar [dar] significado ao vivido” (1999, p.72).

O afeto/afetividade, então, como um conjunto de manifestações representadas pelas emoções cumpre papel importante no conflito entre a capacidade de reagir a estímulos externos com movimentos apropriados e a sensibilidade emocional, capacidade de representar mentalmente problemas em geral. É ela também que dá origem à consciência do indivíduo ajudando-o a distinguir-se, a dessocializar-se da realidade à volta (WALLON,1989).

Nesse sentido, Wallon (1989), caracteriza que a cognição está alicerçada em quatro categorias de atividades cognitivas específicas, às quais é dado o nome de “campos funcionais”. Os campos funcionais seriam: o movimento, a afetividade, a inteligência e a pessoa.

O movimento seria um dos primeiros campos funcionais a se desenvolver e que serviria de base para o desenvolvimento dos demais. Os movimentos enquanto atividades cognitivas podem estar em duas categorias: movimentos instrumentais e movimentos expressivos. Os movimentos instrumentais são ações executadas para alcançar um objetivo imediato e, em si, não diretamente relacionado com outro indivíduo; este seria o caso de ações como andar, pegar objetos, mastigar, etc. Já os movimentos expressivos, têm uma função comunicativa intrínseca, estando usualmente associado a outros indivíduos ou sendo usados para uma estruturação do pensamento do próprio movimentador. Falar, gesticular, sorrir, seriam exemplos de movimentos expressivos. Por isso, para Wallon (1942), a afetividade seria a primeira forma de interação com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento.

À medida que o movimento proporciona experiências à criança, ela vai respondendo através da emoção, buscando diferenciar a si mesma do ambiente. A afetividade é o elemento mediador das relações de aprendizagem que a criança realiza na interação com o mundo e com os

outros seres humanos, como também é elemento que possibilita a criança construir símbolos, significados e sentidos próprios que lhe permite separar-se desse mundo concreto, por isso construindo saberes e sentimentos.

A emoção é a base do desenvolvimento do terceiro campo afetivo, a inteligência. Como definição, as emoções são fenômenos psicofisiológicos, oriundos do sistema nervoso central, caracterizados pela reação postural de exteriorização da afetividade.

A afetividade, por sua vez, seria o conjunto de processos psíquicos exteriorizados pelas atitudes, enfim afetividade é o conjunto de emoções, sentimentos e humor.

A afetividade e as emoções tem sido objeto de intenso interesse tanto na civilização Ocidental como na Oriental, desde épocas como o sexto século antes de Cristo, nos estudos de Lao-Tzu (oriental) e nos estudos de Sócrates, nos anos de 470 a 399 A.C. até a contemporaneidade, nos estudos de Sigmund Freud, LeDoux, Magda Arnold, Jacques-Marie Lacan, Sloman, Francisco Varela, Humberto Maturana e muitos outros. Entretanto, o início da pesquisa científica moderna (racionalista) na natureza das emoções está imputado por muitos a Charles Darwin em seu livro sobre expressões emocionais em animais e humanos, publicado no ano de 1872.

Afetividade poder ser conceituada como todo o domínio das emoções propriamente ditas, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis, e principalmente da capacidade em se poder entrar em contato com sensações, se considerado Spinoza, que afirma existirem somente dois tipos de afetos, os que compõem a vida, e os que decompõem a vida, os que desestimulam a viver.

Piaget define a afetividade como todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não-racionais(razão), sendo o afeto um elemento indiferenciado do domínio da afetividade. Afirma ele, que o afeto é a energia necessária para o desenvolvimento cognitivo e estudos que

integram as pesquisas de Freud e de Piaget especificam que a afetividade influe na construção do conhecimento de forma essencial através da pulsão de vida e da busca pela excelência.

Emoções são fenômenos complexos multifacetados. Esta expressão é a única com a qual todos os cientistas de emoções e psicólogos concordam. Porém, para responder esta questão completamente, a resposta dependerá de quem responde e de quando você está perguntando.

A inteligência tem um significado bem específico, estando diretamente relacionada com duas importantes atividades cognitivas humanas: o raciocínio simbólico e a linguagem.

De acordo com o que a criança vai aprendendo, a pensar nas coisas fora de sua presença, vai desenvolvendo o raciocínio simbólico e o poder de abstração. Ao mesmo tempo e relacionadamente, as habilidades lingüísticas vão surgindo no indivíduo, potencializando sua capacidade de abstração.

Wallon (1989) dá o nome de pessoa ao campo funcional que coordena os demais. Seria esse também o campo funcional responsável pelo desenvolvimento da consciência e da identidade do eu. O autor ainda coloca que o ser humano é um ser biologicamente social e que é na complexa dinâmica de cada cultura que ocorre o seu desenvolvimento. Nesse processo, o movimento do corpo se apresenta como um dos campos funcionais, integrado com a afetividade e a inteligência, constitui a pessoa como um todo.

Tendo em conta a historicidade do meio humano, Wallon, concebe, pois, a ontogênese como uma sucessão de modos de relação com diferentes meios em função dos meios funcionais de que dispõe cada idade em cada microcultura (WEREBE E NADEL-BRULFERT, 1999, p.19)

Para Wallon, em Mahoney (2000), cada um dos campos funcionais (o motor, o afetivo, o cognitivo e a pessoa que integra todos os outros) apresenta uma identidade estrutural e funcional diferenciada. Mas esses campos estão de tal forma integrados que cada um é parte constitutiva dos outros, de modo que a separação se faz necessária somente para a descrição do processo de desenvolvimento. Pela lei da predominância funcional, cada um deles predomina em um estágio do desenvolvimento, e eles se nutrem mutuamente, sendo que o exercício e o amadurecimento de um, interfere no amadurecimento dos outros.

As relações entre estes três campos funcionais não são harmônicas, de modo que constantemente surgem conflitos entre eles. A pessoa, como campo funcional, cumpre um papel integrador importante, mas não absoluto. A cognição desenvolve-se de maneira dialética, em um constante processo de tese, antítese e síntese, entre os campos funcionais.

São, portanto, os conflitos que vivem os seres humanos nas interações com o mundo que proporcionam avanços de desenvolvimento, e Wallon (1989), aponta que esses estágios se sucedem de maneira que os momentos predominantemente afetivos sejam depois vistos como momentos predominantemente cognitivos.

Usualmente, momentos predominantemente afetivos ocorrem em períodos focados na construção do eu, enquanto estágios com predominância cognitiva estão mais direcionados à construção do real e compreensão do mundo físico.

Esse ciclo não é encerrado, mas perdura pela vida toda, uma vez que a emoção sobrepõe-se à razão quando o indivíduo se depara com o desconhecido. Desse modo, afetividade e cognição não são estanques e se revezam na dominância dos estágios.

No sentido do desenvolvimento Wallon (1989) apresenta alguns estágios do desenvolvimento, o primeiro chama-se *impulsivo-emocional*, que acontece do nascimento até aproximadamente o terceiro mês de

vida. É um estágio preponderantemente afetivo, onde as emoções se constituem no principal instrumento de interação com o meio.

O segundo estágio definido por Wallon (1989) é o *estágio sensório-motor e projetivo* que acontece entre os três meses até aproximadamente o terceiro ano de vida da criança. É uma fase onde a inteligência predomina e o mundo externo prevalece nos fenômenos cognitivos. A inteligência, nesse período, é tradicionalmente particionada entre “inteligência prática (obtida pela interação de objetos com o próprio corpo) e inteligência discursiva (adquirida pela imitação e apropriação da linguagem)”. Os pensamentos, nesse estágio, muito comumente se projetam em atos motores.

O *estágio do personalismo* se configura no terceiro momento de desenvolvimento, que para Wallon (1975), se estende aproximadamente dos três aos seis anos de idade, sendo um período crucial para a formação da personalidade do indivíduo e da auto-consciência. Uma consequência do caráter auto-afirmativo desse estágio é a crise negativista: a criança opõe-se sistematicamente ao adulto. Por outro lado, também se verifica uma fase de imitação motora e social.

O quarto estágio, Wallon (1989) chamou de *estágio categorial* em que se acentua a predominância de ação de inteligência sob as emoções. Nesse estágio, a criança começa a desenvolver as capacidades de memória e atenção voluntárias, e isso se manifesta entre os seis e os onze anos de idade. Ainda, é nesse estágio que se formam as categorias mentais: conceitos abstratos que abarcam vários conceitos concretos sem se prender a nenhum deles.

E é no estágio categorial, que o poder de abstração da mente da criança é consideravelmente amplificado, provavelmente por isto mesmo, é que nesse estágio o raciocínio simbólico se consolida como ferramenta cognitiva.

O último estágio descrito por Wallon (1989) é o *estágio da adolescência* a partir dos onze ou doze anos. O adolescente começa a passar pelas transformações físicas e psicológicas próprias da

adolescência, que se caracterizam por um momento afetivo, em que o indivíduo passa por uma série de conflitos internos e externos. Os grandes marcos desse estágio são a busca de auto-afirmação e o desenvolvimento da sexualidade.

Os estágios do desenvolvimento não se encerram com a adolescência. Em verdade, para Wallon, o processo de aprendizagem sempre implica na passagem por um novo ou de novo por um ou outro estágio. Diante de novas aprendizagens qualquer sujeito (criança, jovem ou adulto) vai produzir em si manifestações afetivas que o levarão a um processo de adaptação, tendo em vista um novo saber, uma nova estrutura mental, uma outra representação, a ampliação de seu mundo simbólico e de pensamento.

O processo dialético de aprendizagem então, visto pela via da afetividade, é um processo de desenvolvimento que jamais se encerra.

A visão de tal processo é dialética; não há soberania entre as dimensões da pessoa completa, assim compreendemos a alternância funcional como uma qualidade de investimento do sujeito e de suas elaborações, cujo sentido flui e reflui ora para o eu da pessoa (centrípeto), ora para o não-eu desta (centrífugo).

A afetividade move-se a serviço da cognição e a cognição move-se a serviço da afetividade e ambos concorrem para a formação da pessoa.

Uma reflexão extremamente relevante sobre as implicações da teoria de Wallon para a educação, especificamente sobre o papel do professor, nos é apresentada por Almeida (2000):

Wallon, psicólogo e educador, legou-nos muitas outras lições. A nós, professores, duas são particularmente importantes. Somos pessoas completas: com afeto, cognição, e movimento, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral, com afeto cognição e movimento. Somos componentes privilegiados do meio de nosso aluno. (p.86)

Bretãs (2000, p. 39) esclarece que o mecanismo construtivo em que alternam entre si afetividade e cognição dá-se o nome de alternância funcional. Essa alternância significa que as aquisições e construções de cada uma das etapas não se perdem, mas vão sendo incorporadas e vão se integrando, trazendo inúmeras e novas possibilidades para as relações da criança com o outro e com o mundo físico dos objetos. As funções recentemente adquiridas têm supremacia sobre as mais antigas, no entanto, não as fazem desaparecer, apenas exercem controle sobre eles, integrando-os. Essa é a chamada integração funcional.

Conforme observa Dantas (1983), na evolução do indivíduo, na visão de Wallon, constata-se a simultaneidade dos progressos intelectuais e mudanças operadas no domínio da personalidade. Além do mais, vale ressaltar que para Wallon (1989), o meio mais importante para a formação da personalidade não é o meio físico, mas o meio social.

Cabe ao educador envolver seus alunos no meio físico-cultural, desafiá-los para que este seja explorado, descoberto, observado, pesquisado e transformado.

É o momento de aguçar os sentidos dos alunos, de mobilizá-los (fazê-los moverem-se), de estimular a curiosidade e incentivar a criatividade.

### **1.1 mecanismos de ação da emoção em relação as ações de aprendizagem**

Considerando a importância então da relação emoção/afetividade e cognição tendo em vista que as relações de aprendizagem são permeadas por essa, é importante perceber quais são os mecanismos com que a emoção age nas relações da criança com o mundo e como essas interferem nos processos de aprendizagem.

A primeira delas é a contagiosidade sendo aquela forma de expressão que o corpo possui de transmitir ao outro o prazer ou desprazer emocional, envolvendo o espectador de forma que este sinta o “poder” da reação emotiva. O segundo mecanismo se apresenta pela plasticidade, sendo a capacidade de refletir no corpo os sinais da emoção e por fim a regressividade, que se coloca na situação que faz regredir qualquer tipo de atividade intelectual que estava sendo exercida anteriormente à reação emocional. A partir de um estado emocional a pessoa se sente perdida e pode não lembrar o que estava dizendo, não ouvir o que está sendo dito por outro ou não conseguir manter a atenção em qualquer atividade.

A contagiosidade ocorre quando o professor está envolvido e estimulado com seu trabalho, tem idéias claras e um objetivo pedagógico que favoreça seus alunos, ou seja, motivador, desafiador e que mantenha seu aluno ligado, interessado e envolvido em todo o processo.

A regressividade ocorre quando a relação professor-aluno, a temática desenvolvida e as estratégias utilizadas vão de encontro às suas aspirações e não ao encontro delas.

Observa-se, no ensino a acentuada valorização à aquisição de conhecimentos, demonstrada nos currículos produzidos pela escola e até nas Diretrizes Curriculares. Esses documentos cuja finalidade é a de orientar a ação educativa, deixam de dar a necessária atenção ao desenvolvimento do domínio afetivo dos alunos.

A nossa realidade escolar vêm sendo marcada por uma tradição de ênfase e valorização do desenvolvimento de comportamentos do domínio cognitivo e não são estabelecidos de maneira significativa, em seu contexto, situações, condições, mecanismos e recursos necessários à valorização e promoção do desenvolvimento afetivo do aluno de maneira intencional, sistemática e eficaz.

A situação que se apresenta pode ser tomada como uma evidência da dissociação existente, no processo educacional, entre os valores formais e os valores reais da educação; isto é, de um lado,

aqueles que orientam o discurso, o que se fala do processo educativo (formalismo), e de outro lado, os que orientam a ação, o que se faz no processo educativo (realidade).

Não basta apenas falar-se sobre promoção do desenvolvimento integral e afetivo dos alunos, torna-se necessário que sejam adotadas medidas efetivas e eficazes de ação, com vistas à promoção desse desenvolvimento.

De acordo com Lück e Carneiro (1985, p.14), o fato de a promoção do desenvolvimento afetivo em nossas escolas não estar recebendo a devida atenção, resulta basicamente de: falta de atitudes positivas e entendimento adequado dos professores e técnicos da educação com respeito ao desenvolvimento afetivo e de sua importância para incrementar o desenvolvimento integral do educando; falta de conhecimentos e habilidades daqueles profissionais relativamente à criação de situações, condições, mecanismos e recursos necessários à promoção do desenvolvimento afetivo; e inexistência de diretrizes e procedimentos de medida e avaliação do domínio afetivo, que venham orientar o ensino e a aprendizagem.

A afetividade em suas múltiplas definições e articulações dadas por vários autores embasam este artigo, dando suporte à temática de que afetividade é um elemento fundamental na realização um trabalho mais perceptivo, criativo, espontâneo e motivador para todas as partes. O resultado será observado no desenvolvimento de potencialidades e no saber lidar com as emoções.

## **2 ESTUDO DE CASO: A INTERPRETAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE AFETIVIDADE NOS CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM, FAMÍLIA E ESCOLA**

Sou professora de séries iniciais, habilitada em Pedagogia, para séries iniciais, atuando 40 horas semanais, em duas escolas de ensino médio, públicas, em Sant'Ana do Livramento, Rio grande do Sul.

Nas escolas que atuo, as duas do sistema estadual de educação, se constituem de uma clientela de mais ou menos 1500 alunos por escola, com algumas características em comum, outras nem tanto. Nesse sentido a realidade de minha atuação profissional se caracteriza por:

A escola que atuo no turno da manhã, em que realizo o trabalho de professora regente de classe, numa segunda série, é uma escola de periferia, com alunos que têm grandes problemas, entre eles, a situação econômica muito precária, sendo a escola a fonte de sua única alimentação diária (para a maioria dos alunos); nesta escola é contemplada a inclusão social, além de contarmos com classe especial e aulas de reforço, para alunos com dificuldades de aprendizagem. A procura pelos serviços da escola é grande e não é possível contemplar a todos que necessitam de um atendimento mais individualizado. No contexto escolar nos deparamos com muitas necessidades e urgências, que nos levam a refletir constantemente sobre nosso papel enquanto formadores de indivíduos, que tem uma realidade e uma leitura de mundo tão sofrida, desgastada e desvalorizada; quanto à metodologia, quanto estamos comprometidos com o ensinar, ou a troca, aprender, com tantas vivências. Nesse sentido Lima (1980, p. 45) afirma:

[...] por mais perfeita que seja uma organização escolar, por bem equipada que seja uma escola, por mais sábia que seja a regulamentação da vida pedagógica, por melhores que sejam os serviços auxiliares, não é verdadeira a escola se não são aptos os professores e eficientes suas relações com os alunos.

A escola que atuo no turno da tarde, em que realizo o trabalho de professora regente de classe, numa primeira série, está situada no centro da cidade, com crianças de outro nível, social, cultural e econômico, que já foi considerada em outros tempos de elite, mas que atualmente como todas as escolas passa por sérios problemas, mas ainda detém a postura, mesmo que velada de uma elite, no que se refere à educação. Nesta escola não é contemplada a inclusão social, ainda, porém temos alunos com necessidades educacionais especiais que atendemos, dentro das possibilidades e sem os recursos necessários, tentando incluí-los e favorecer o seu desenvolvimento.

Comparando as duas escolas em que atuo, acima caracterizadas, para discutir o tema por mim escolhido para este trabalho de pesquisa, foi possível constatar que independentemente de situação financeira, o aspecto afetivo, a relação interpessoal, a presença ou a ausência de ambos acarreta várias dificuldades nas crianças e no seu desenvolvimento como um todo.

Venho percebendo, a partir de minha experiência como educadora que a afetividade está ligada à evolução da criança, e por ser o desenvolvimento uma construção que a criança faz em si a partir de sua interação com o mundo e os outros, é importante perceber que as expressões de carinho, em suas mais variadas formas são essenciais para que a criança se sinta protegida, acolhida e amada e assim possa aprender.

Analisando os ambientes de aprendizagem, na escola ou na família, ambientes esses vivenciados pelos alunos com os quais atuo, tenho-os percebido como lugares pouco pensados pelo viés da construção de relações afetivas, pois as reações e ações da criança, com as quais trabalho, tem-se mostrado carregadas pela falta de envolvimento de si com seu processo de aprendizagem e, ainda, com a expressão de comportamentos que não condizem com as possibilidades de aprendizagem.

Em alguns casos ela até desenvolve-se numa relação infantilizada com os mais próximos tornando-se dependente numa perspectiva de não ser esquecida.

Percebi durante o processo de atuação como professora o quanto é necessário se investir mais o tema processos de aprendizagem mediados pela afetividade. Para a realização deste trabalho monográfico, então, foram realizadas entrevistas junto aos alunos e professores das duas escolas que atuo, com o objetivo de realizar um comparativo desses dados coletados, para referenciar a pesquisa e estabelecer um processo de reflexão da realidade que atuo.

Os alunos entrevistados nas duas escolas têm histórico de repetência, tendo esses repetido mais de 3 anos. A minoria é membro de uma família estruturada, com equilíbrio afetivo, social e econômico, vivendo com pai e mãe. Desses alunos quase todos têm uma condição sócio-econômica bastante deficitária, necessitando de ajuda assistencial para poder sobreviver.

No que se refere ao tipo de diálogo que os familiares mantêm com eles, a maioria referiu-se que são bem tratados, que conversam, que recebem a ajuda necessária quando tem dificuldades nos estudos, o que nem sempre parece acontecer, pois constata-se a atuação pouca efetiva dos pais no que tange o acompanhamento escolar .

Quando foi levantada a questão da afetividade, do carinho, alguns ficaram mais reticentes. A definição dada pelos alunos sobre o que carinho foi que é um gesto de amor, é cuidar da gente, é ajudar.

Alguns alunos entrevistados tiveram mais facilidade em expressar verbalmente sua opinião sobre os sentimentos, outros não, o que caracteriza uma dificuldade de conceituação e de interpretação no seu sentir. A emoção é um estado em que ocorre uma alteração no modo natural e característico de reação do indivíduo, cujo comportamento é acompanhado de variações viscerais e fisiológicas e por mudanças em sua condição subjetiva e experiencial, mudanças estas que ocorrem,

geralmente em relação ao continuum hedônico, prazer-desprazer (RICCIUTI,1970).

Quando é chamada a atenção dos alunos, por ter feito algo errado, eles acham que às vezes é carinho, outras não.

Diante desses resultados fica clara a confusão de idéias e sentimentos que os alunos experimentam tanto em relação a escola como em relação a família.

Quanto a escola se referiram que é um bom lugar para aprender, porque aprendem e passam de ano, o saber não é tão importante para eles, mas sim serem aprovados; a reprovação é vista por eles como uma condição humilhante, é um fracasso.

Também acreditam que a escola é um lugar onde se recebe carinho, dá atenção, chama a atenção, o carinho da professora e a merenda, são sinônimos de querer bem visto que a saciedade física, moral e espiritual lhes traz a sensação e o sentido do carinho.

Eles dizem que gostam do que recebem na escola, que é carinho, amor, ajuda a melhorar, ninguém briga na aula; mesmo a escola não sendo a ideal, ainda é um lugar onde muitas crianças se sentem mais livres e valorizadas, tem um respaldo que não recebem em casa.

Gostam de ser tratados do jeito que são, com carinho, amor e respeito, aprendem coisas diferentes, brincam na hora do recreio, mas alguns meninos brigam com as meninas na hora do lanche, coisa que eles apresentam como conflituosas e não bem resolvidas no contexto escolar.

Com referência à aprendizagem os alunos dizem que é legal, que estão aprendendo um pouco, que tinham dificuldades e agora estão melhor, que é interessante o que aprendem. Na convivência escolar gostam de todos porque são bem tratados, porque são respeitados, porque emprestam as coisas quando precisam.

Quando perguntados se é melhor aprender quando estão felizes, a resposta foi unânime, sim, porque dá “gana” de fazer tudo bem, porque

a professora agora tem paciência, porque quando não sabe nada é muito ruim.

A relação com a professora é considerada boa, eles relatam que recebem carinho,atenção, podem conversar e dar sua opinião; gostam das atividades diferentes e se sentem respeitados..

Enfim, o bom relacionamento com sua professora deu estímulo aos alunos e promoveu a auto-confiança.

Os alunos entrevistados disseram que gostam de ir à escola.

Analisando as respostas dadas pelos alunos e as vivências escolares e suas repetências foi possível constatar que faltou o suporte tanto da família quanto do professor em sanar as dificuldades afetivas e cognitivas deles. Existem os estigmas que marcam os alunos como se eles fossem algo fora do comum, não seres humanos necessitados de um gesto de carinho, de amor, de compreensão e até mesmo alguém que lhe mostre o limite, de até onde ele pode ir e o que excede seu limite.

A aprendizagem não era significativa e não motivou, tanto pela vontade interior que era escassa, talvez pelo sentimento de inferioridade e até mesmo pela limitação e também porque não houve a construção de conceitos, de forma ativa, discutida, pensada e interiorizada por todos.

Cabe salientar que o interesse, que é definido por Garrison e Magoon (1972) como uma resposta de prazer ou satisfação que acompanha certas atividades, idéias ou situações, é intrínseco, pessoal e é um aspecto da personalidade que se caracteriza por escolhas que o indivíduo faz, sendo levado por sua vontade ou por tendências.

Os interesses com certeza estarão voltados para atividades que dão prazer e para as quais o aluno dirige sua ação. Eles são considerados como expressões mais simples dos valores, objetivos e motivos individuais.

No cotidiano escolar percebemos esses “motivos” e também a ausência dos mesmos, quando são convergentes e que se relacionam à problemas das áreas educacional e vocacional.

Das crianças entrevistadas, é o relato que muitas vezes eram puxadas pelo braço, agredidas verbalmente e que era dada mais atenção aos outros colegas e não a elas. A discriminação foi sentida por alguns deles por ser muito pobre e também por ter dificuldades para aprender. Isso evidencia que o processo de conhecimento de si mesmo e ao outro está interligado e nesse relacionamento está a importância da afetividade e as consequências da sua perda no processo de desenvolvimento global da criança.

É de Piaget o postulado de que o pleno desenvolvimento da personalidade sob seus aspectos mais intelectuais é indissociável do conjunto das relações afetivas, sociais e morais que constituem a vida da instituição educacional. À primeira vista, o desabrochamento da personalidade parece depender, sobretudo, dos fatores afetivos; na realidade, a educação forma um todo indissociável e não é possível formar personalidades autônomas no domínio moral se o indivíduo estiver submetido a uma coerção intelectual tal que o limite a aprender passivamente sem tentar descobrir por si mesmo a verdade: se ele é passivo intelectualmente não será livre moralmente. Mas reciprocamente, se sua moral consiste exclusivamente numa submissão à vontade adulta e se as únicas relações sociais que constituem as relações de aprendizagem são as que ligam cada estudante individualmente a um professor que detém todos os poderes, ele não pode tampouco ser ativo intelectualmente.

A afetividade faz parte da vida humana e da sua essência, visto que ele ao longo de sua vida mantém relações e vínculos bastante profundos, que transmitem alegria, felicidade ou dor.

No cotidiano escolar e com a realidade que nos mostra a cada dia, cruelmente, como as pessoas estão se desvinculando dos afetos, percebemos que algumas crianças demonstram e enfrentam enormes dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

As perdas, as carências, os problemas de relacionamento, com outras crianças, com os pais, com os colegas e adultos levam essas

crianças a uma baixa auto-estima, sentimento de inferioridade e em alguns casos, grande revolta, até pelo não entendimento do que ocorre com ela. Desconhece-se no contexto escolar que “as emoções são os mecanismos que desencadeiam os objetivos, no mais alto nível do cérebro” (FIALHO, 2001, p.216).

Também a falta de entendimento que afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da tonalidade dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza, eleva os conflitos e a geração de não aprendizagens na escola.

Para Paulo Freire (1986), o querer bem não significa a obrigação a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, na verdade, que a afetividade não é assustadora, que não é preciso ter medo de expressá-la. Significa essa abertura ao querer bem o modo de selar autenticamente o compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano, separando como falsa a separação radical entre a seriedade docente e afetividade.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que o professor será tão melhor quanto mais severo, mais distante e mais cinzento, colocando-se nas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que deva ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. Entretanto, o que não se pode permitir é que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor e no exercício de sua autoridade.

Para sobreviver, o ser humano necessita estabelecer uma relação estável com um ou mais adultos em seu ambiente. Essa relação, onde determinados padrões afetivos são desenvolvidos, fornece a base a partir da qual podem ocorrer as transformações no comportamento da criança. É na relação com determinados adultos que o indivíduo inicia a construção de seus esquemas (perceptuais, motores, cognitivos, lingüísticos) e de sua afetividade (DAVIS, 1994, p.81).

Vygotsky (1991), afirma que a criança sente necessidade da presença dos pais ou de um outro adulto para lhe dar segurança física e emocional, levando-a à exploração do ambiente em que está inserida e, portanto, aprender. Como elemento essencial, este interagir da criança com uma pessoa adulta, mais precisamente os pais, envolve a emoção, a afetividade. Assim, através da interação com indivíduos mais experientes do seu meio social é que a criança constrói as suas funções mentais superiores.

### **3 QUESTIONANDO PROFESSORES SOBRE AFETIVIDADE**

Este artigo teve como base de levantamento de dados, além da entrevista com os alunos a busca de opinião dos professores das escolas, através de questionário quanto à afetividade, aprendizagem, família, escola, professor e também definindo com uma palavra-chave, cada um desses itens. As questões apresentadas tiveram como intenção observar quais valores demonstramos, o que consideramos importante na vida, o que reproduzimos ou contestamos.

Como padrões, os valores orientam os indivíduos nos julgamentos de relevância, porém nem sempre os indivíduos têm consciência de seus valores, nem claras diretrizes gerais de conduta para assumi-los. Nesse sentido as respostas dos professores no questionário foram interessantes e por isso as reproduzirei na íntegra aqui.

Quando questionados sobre o que pensam da aprendizagem dos alunos atualmente, foi colocado que:

- Não há interesse, os alunos não pensam;
- A aprendizagem depende do meio onde o aluno vive e convive;
- O aprender do aluno está muito fraco, pela falta de estímulo da família e do professor;
- Educação e política não combinam, a educação está sendo deixada de lado, professor e aluno estão desmotivados;

- Ano após ano, os alunos estão desinteressados e o nível da aprendizagem diminui; professor desestimulado, falta de apoio pedagógico, de materiais adequados e salários defasados.

A dificuldade de um aluno em aprender não significa que ele tenha dificuldades de aprendizagem, percebemos em algumas práticas docentes um problema de ensinagem.

É necessário respeitar o tempo de cada um, a lógica do aprender humano, do respeito aos complexos processos mentais, culturais, que entram em jogo na aprendizagem, na socialização, no desenvolvimento e na formação de nosso aluno.

Um indicador a mais de uma tensão entre os educandos e a estrutura que organiza o cotidiano de seu trabalho e de sua vivência na escola, é a falta de interesse pelo que lhes é proposto.

Uma tensão entre os seus tempos humanos e os tempos da escola. Dados os avanços das culturas das crianças, adolescentes e jovens, na sociedade, na família e na escola, está ficando mais difícil adaptar-se à cultura organizativa escolar que não mudou e permanece inalterada desde o império. Está ficando mais difícil aos novos sujeitos sociais, internalizarem o velho ofício de aluno. Os alunos nos alertam com suas resistências que urge a necessidade de dar a devida importância às lógicas que estruturam a engrenagem escolar.

Cada profissional tem sua parcela de responsabilidade, o seu comprometimento e ideal educativo é que permearão sua ação educativa.

Os coletivos reconhecem que não apenas os discípulos se tornaram mais indisciplinados e mais resistentes às lógicas escolares, também seus mestres são cada vez mais resistentes. Há muitas transgressões docentes nas salas de aula, tanto ou mais do que as transgressões discentes.

Aos profissionais das escolas incomoda cada vez mais esse cotidiano tão pesado e querem saber por que tem de ser assim, quem o define e predefine e qual nossa autonomia nessa engrenagem do sistema escolar.

Cabe então uma reflexão, um “mea culpa“, sobre nossos posicionamentos, nossa submissão, nossa vista grossa à realidade tão latente.

Quanto às relações afetivas entre professor e aluno:

- É o vínculo necessário para professor e aluno confiarem um no outro. O afeto permeia o relacionamento, que vai influenciar na aprendizagem;
- É importante porque estamos educando pessoas e o bom relacionamento é fundamental em sala de aula;
- Para existir na caminhada amor, amizade e respeito;
- Para um bom trabalho acontecer;
- Porque são fundamentais para acontecer a aprendizagem.

As relações afetivas são sobremaneira, vitais para o bom desempenho, relacionamento e evolução do ser humano. Sabemos, no entanto, que nem todas as manifestações são carregadas de intensidade e veracidade, explico, os discursos são feitos, porém a ação não é tão intensa e categórica quanto o discurso.

O processo ensino aprendizagem com afetividade é determinante para o que as crianças aprendem, como aprendem e como se sentem em relação ao que aprendem. Para que ocorra realmente uma aprendizagem significativa é preciso mudar os conceitos quanto à medida e avaliação de comportamentos do domínio afetivo, ou seja, a inadequação, superficialidade, ambigüidade e insuficiência com que é tratado o desenvolvimento afetivo.

A influência da afetividade na aprendizagem:

- O aluno tendo apoio afetivo facilita seu desempenho, sua auto-estima. A família também precisa fazer sua parte nesse processo;
- O aluno se sente mais seguro e mais a vontade para questionar;
- Para se obter um melhor aproveitamento;

- No momento que formos atenciosas, carinhosas teremos retorno na comunicação;
- Se a afetividade não for trabalhada, o processo de aprendizagem será prejudicado;

Conheço os pais de meus alunos, Por quê? E todas as pessoas questionadas responderam que sim, pois:

- Os pais acompanham diariamente, há reuniões durante o ano;
- A maioria. É importante conviver com os pais, para conhecer melhor nosso aluno e até para ajudar;
- Precisamos muito da família junto de nós, só assim podemos ter progresso no ensino dos alunos;
- Preciso conhecê-los para trocarmos idéias, é uma ajuda a mais na aprendizagem;
- É através dessa relação, professor, pai e aluno, que eu alcanço meu objetivo;

Você conversa com os pais de seus alunos, todos responderam que sim. E se na opinião dos professores há relação entre o emocional e o desenvolvimento cognitivo, responderam que:

- Há muitas crianças sem o apoio emocional não se desenvolve com a mesma facilidade de outras crianças que tem este apoio;
- O emocional influencia muito no cognitivo;
- O emocional é tudo;
- Do emocional depende o cognitivo.

Nas questões levantadas acima, nas quais os professores manifestam relacionarem-se com os pais dos alunos, é imprescindível que se estabeleçam parceiras, um diálogo franco aberto, para sanar dificuldades de ambas as partes.

É fato que muitos pais não se sentem preparados para auxiliar seus filhos e ajuda-los nas tarefas de casa. Os pais também desejam ter mais informações acerca das expectativas do professor em relação a seus filhos e de seus papéis como pais para auxiliar.

Constata-se também que não é regra essa preocupação, pois a omissão também faz parte do dia-a-dia escolar, onde os professores esgotam suas possibilidades e não encontram respaldo na família que se omite.

A omissão ocorre por descaso ou por desconhecimento e falta de hábito afetivo ou de diálogo.

Quanto à questão sobre o papel do professor na atualidade, os professores responderam que:

- Deve ser o mediador, questionando o aluno, fazendo-o pensar o oferecendo meios para desenvolver suas habilidades;
- O professor está ocupando um papel que não lhe compete, de pai e mãe, o que a família deveria fazer transfere para o professor;
- Transmitir conhecimentos e troca de idéias;
- Mediador, facilitador, coordenador de idéias;
- Incentivar a aprendizagem e tentar preparar, orientar o aluno para a vida.

Quanto a pergunta, pais, alunos e a escola valorizam o professor, os professores responderam:

- Não como antigamente, não existe o mesmo respeito nem a confiança de outros tempos;
- Nem sempre, por este motivo a falta de motivação de alguns professores;
- Não;
- Sim, cada um de sua maneira.

O professor, na história da humanidade, tem um papel de destaque. Houveram lutas pela autonomia, direitos e avanço, uns conquistados, outros não, na verdade, as tentativas de mudar a engrenagem pesada do nosso sistema escolar nunca teve a prioridade devida.

Foram feitos diagnósticos dos problemas e impasses vivenciados na escola, atribuindo os problemas à má vontade das elites e dos

governantes. Não estaremos nós atrelados a essa engrenagem, presas a uma metodologia ultrapassada, aos rótulos de alunos indisciplinados, desinteressados e insuportáveis? Como articular os desejos de formação, de estudo, pesquisa, coordenação, planejamento coletivo, com a rígida estrutura das cargas horárias, grades, etc?

Os tempos conquistados passam a se defrontar com os tempos instituídos e tentamos penetrar pelas frestas do impenetrável.

Não dá para se ignorar os tempos dos educandos, mas e os nossos tempos, o nosso trabalho?

O professor exige que sua identidade seja respeitada, sua condição de trabalhador em educação.

A questão sobre os alunos são compreendidos na sua diversidade, os professores respondem:

- Não, a maioria dos professores vê os alunos como um número (principalmente os de E. Fundamental e Médio), não há vínculos afetivos;
- Nem sempre;
- Em parte;
- Atualmente sim;
- Sim, a escola faz tudo pelos alunos (dentro das possibilidades).

Ao analisar as respostas dadas pelos entrevistados percebi que existe uma preocupação com o aluno, sua formação e preparação para a vida. No entanto são muito explicitativas as idéias e concepções de aprendizagem que estão por detrás das respostas, considerando que muitas delas se situam num campo pouco significativo das relações que fundamentam relações de aprendizagem e afetividade no que se refere a uma relação em que tem-se as emoções e as relações com o mundo como determinantes importantes dos processos de aprender.

As ponderações mostram também como o professor se vê como educador, sua idéia e ideologia formada através dos tempos em relação ao processo de ensinar e aprender.

Segundo Arroyo (2004, p.48) estamos em tempos de ter os pés no chão, os alunos se mostram sem máscaras, de rosto aberto a ponto de nos surpreender e nos chocar.

É uma realidade que enfrentamos cotidianamente, de alunos infelizes, machucados, sofridos e muitas vezes sem um sentido na vida, e isso tudo, inquieta o professor que não sabe como agir, se omite ou se furta à possibilidade de orientar.

Tratando-se de afetividade, no exercício de minhas atividades, constato quase diariamente que o único gesto de carinho ou atenção recebido pelo meu aluno, segundo ele relata, foi realizado por mim.

O professor conhecendo bem seu aluno o colocará em posição de organizar situações afetivas de aprendizagem, e, sobretudo, de interagir com eles, ajudando-os a elaborar hipóteses pertinentes a respeito dos conteúdos, por meio de constante questionamento das mesmas.

Um professor é um mediador competente entre o aluno e o conhecimento, alguém que deve criar situações para a aprendizagem, que provoque desafio intelectual, utilizando-se principalmente das relações afetivas que vão se desenvolvendo através da convivência diária, e da construção de novas habilidades e significações.

A afetividade, assim como o conhecimento, se constrói através da vivência, tarefa tanto da escola quanto do educador, despertar no aluno as potencialidades do coração.

As pessoas precisam de afeto, pois a vida difícil e atribulada nos leva a esquecer os valores mais simples, como o carinho, a troca, o compartilhar.

A valorização excessiva dos bens materiais faz com que as pessoas percam o sentido e a reflexão sobre seus semelhantes. Alheios às milhares de crianças que morrem diariamente, no mundo, carentes de tudo, jovens alienados e perdidos nas drogas, homens imaturos, mulheres depressivas, e velhos desrespeitados.

Tudo isso ocasionado pela falta de afeto, rejeitando o aprender sempre, o crescer.

A afetividade é essencial para que um professor consiga realizar um trabalho de valorização de seus alunos.

Afetividade é se preocupar com seus alunos, é reconhecê-los como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais aos seus. É aceitá-los em suas nuances e respeitá-los. É entender seus sentimentos, tendo sensibilidade para perceber que atrás de um aluno inferior às outras, desvalorizada, mal amada.

Fica caracterizada a inter-relação e inter-dependência dos comportamentos do domínio afetivo, cognitivo e psicomotor de modo a evidenciar que em cada momento do processo educativo deve-se dar atenção a todos eles, para que se promova o desenvolvimento integral e harmonioso do educando.

A qualidade e característica do processo ensino-aprendizagem, mais do que seu conteúdo é fator determinante do desenvolvimento de aprendizagens do domínio afetivo.

Quando a aprendizagem de comportamentos ocorre de maneira intencional, consciente e explicitamente social, é chamada de educação.

Sabemos que as atitudes são aprendidas. Portanto, o seu desenvolvimento, de maneira que permita ao indivíduo participar igualmente da sociedade, constitui-se num objetivo de suma importância para a educação.

A promoção desse desenvolvimento, porém, não pode estar voltada única e exclusivamente para o futuro e encaminhamento do aluno, para as responsabilidades que virá a ter, pois educação não é somente o preparo para a vida, mas a própria vida.

O professor deve ser autêntico e expressar seus sentimentos e desejos de forma direta, mas sem magoar as outras pessoas; interessar-se pelos seus alunos, proporcionando em suas aulas novas metodologias e atividades interessantes e estimulantes; programar situações próprias para a promoção do desenvolvimento de novas atitudes, mais adequadas

ao convívio social, em vez de se agir estabelecendo sanções ou rotulando o aluno por seu comportamento.

Para Maria Teresa Nidelcoff(1986,p.11), o professor tem que ajudar a criança para que, em seu processo de crescimento, ela vá compreendendo a realidade que a cerca e nela vá se localizando lúdica e criativamente. Esse processo a inicia na realidade imediata, com o meio: aprende a VER no mesmo, para em seguida estender seu olhar na direção de horizontes mais largos; portanto é necessário aprender a ver e analisar a realidade e fomentar nas crianças uma atitude de curiosidade. Observação e crítica diante da realidade.

Segundo Arroyo é importante que professores percebam as diferentes formas de expressão dos alunos e nesse sentido afirma:

Há muitas formas dos alunos falarem de suas vidas, de suas trajetórias humanas e escolares. Dando voz àqueles que por tanto tempo foram silenciados, suas auto-imagens podem destruir tantas imagens estereotipadas que pesam sobre elas. Suas falas podem ser menos preconceituosas do que tantos discursos da mídia, da política e até da pedagogia (2004, p.81).

Para Alicia Fernandez (1991, p.82), o problema da aprendizagem que constitui um “sintoma” ou uma “inibição” toma forma em um indivíduo, afetando a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, o desejo, o organismo e o corpo, redundando em um aprisionamento da inteligência e da corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente. Para entender seu significado, deveremos descobrir a funcionalidade do sintoma dentro da estrutura familiar e aproximar-nos da história individual do sujeito e da observação de tais níveis operando.

Caminhamos para alguns consensos, que é urgente conhecer melhor os alunos, que olhares negativos, preconcebidos e preconceituosos não permitem o entendimento, que é necessário conhecer suas trajetórias escolares além dos clássicos boletins, registro de notas, conceitos, aprovações ou reprovações. Cada coletivo da escola vai inventando formas diversas de aproximar-se dos educandos para clarear todas essas dimensões.

Pain coloca que o inconsciente afeta, marca, com o signo do afeto para atribuir qualidade às representações e previamente aos esquemas. Os afetos não se constituem a partir de uma estrutura específica, ou seja, o valor significativo dos afetos não depende de um código propriamente afetivo, admissível apenas no plano biológico das regulações automáticas, mas provém da estruturação simbólica inconsciente.

A existência do afeto depende das sensações, da mesma forma que a pulsão depende das ações.

Dolle (1993) reforça que a afetividade nas relações inter-individuais, se alimenta unicamente do sentido e que é este quem a estrutura, desequilibra, equilibra e reequilibra. O gesto, até mesmo discreto, o brilho no olhar, são tão expressivos quanto as palavras.

A afetividade exerce sobre si mesma poder. Qualquer que seja o sujeito, por mais dinâmico que seja, pode tornar-se fraco e apático, por efeito de uma decepção ou fracasso.

Para Coll (1995), a intenção dos alunos nas atividades de aprendizagem, as atitudes e sentimentos de alguns sobre seus colegas, o auto-conceito do aluno sobre seu desempenho escolar e a motivação de cada um frente às atividades propostas, são alguns dos processos de racionamento encadeados aos processos cognoscitivos. Esses processos irão mediar possibilidades e o alcance das aprendizagens.

O desenvolvimento da afetividade implica a capacidade que as pessoas têm de expressar e receber afeto, que inúmeras vezes é limitada e moldada.

Ao desenvolver um trabalho abordando esta questão é necessário organizar, estruturar, refletir e expor para diversos contextos de vida e de ação, as relações sociais e as informações produzidas pela sociedade capitalista que são complexas tem um determinado objetivo e efetivamente ainda não contempla a todos os cidadãos.

A sociedade exige padrões de comportamento, e parece estar numa caminhada de aceitação de sua diversidade, voltando-se também ao aspecto de desenvolvimento do ser, de sua afetividade e relações

afetivas, considerando após vários estudos que o ser mais equilibrado, com suas potencialidades afetivas mais desenvolvidas e sentindo-se feliz é um profissional mais competente, estimulado, criativo, sensível e conseqüentemente, tem maior compreensão e estrutura para vivenciar e resolver problemas, conflitos e frustrações.

A aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento do ser humano desde seu nascimento. A criança se dimensiona na relação com os outros: relação interpessoal, e na relação consigo mesma: relação intrapessoal.

A motivação para aprender nada mais é do que o reconhecimento pelo aluno, de que conhecer algo irá satisfazer suas necessidades atuais ou futuras, como também pode ser considerada como um processo psicológico em construção.

É essencial, portanto que professores compreendam o que Pain (1986) anuncia. Ou seja, os problemas de aprendizagem, isto é, aqueles sintomas onde a inteligência é atrapalhada pelo desejo, é o lugar privilegiado, talvez o único, para poder observar as relações entre ambas as estruturas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Abordar o tema afetividade como parte do desenvolvimento humano não é fácil.

Ao longo da história da ciência se dividiu muito o estudo do homem, o biológico separado do social, o cultural separado do histórico, tanto que se concretizou em práticas sociais.

A afetividade é uma condição indispensável de relacionamento com as pessoas e o mundo, sempre estabelecemos vínculos, que ora nos agradam ora desagradam, em diferentes níveis. Porém não amamos nem odiamos por predisposição genética.

A realização desta pesquisa foi muito válida, além de promover minha própria reflexão e análise enquanto profissional da educação e como pessoa também, porque ninguém consegue viver sem qualquer laço afetivo ou relação com alguma pessoa, proporcionou comparar as relações que percebemos no cotidiano.

Mello (1988), Patto (1991) e Collares e Moisés (1996) chamam a atenção para o fato de que muitos professores têm se cercado de elaborações até certo ponto apressadas e marcadas por abordagens parciais do afeto e da emoção.

Para muitos professores, a dimensão afetivo-emocional está intimamente relacionada com o sucesso ou fracasso escolar, e é utilizada para justificar o não-aprender.

O enfoque dessa dimensão restringe-se quase exclusivamente a um ponto de vista que enfoca a falta, a carência, as impossibilidades.

Os comentários de alguns professores deixam entrever elementos de uma concepção que interpreta como carência as diferenças culturais e problemas advindo de desigualdades sócio-econômicas.

As questões afetivas não podem ser vistas pela ótica das patologias, mas sim com sensibilidade e considerando as possibilidades de o aluno superar suas dificuldades.

Não se descarta que em algum momento a participação de profissionais especializados, em espaços próprios, são fundamentais para auxiliar a criança a enfrentar obstáculos que se apresentam em sua vida, para superar sua dor e sofrimento.

As pessoas têm condições de desenvolver sua inteligência emocional, pois somos afetivos por essência. É necessário para isso ter a vontade interior, que é o que desencadeia os estímulos internos para que possamos externamente nos comunicar, interagir com nosso meio e com as demais pessoas.

Ser afetivo, todos somos desde que nascemos, o importante é continuarmos afetivos, buscando sempre no outro algo que nos acrescente enquanto seres humanos, valorizando cada pessoa na sua singularidade.

É preciso, insistir novamente em não se pensar que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança para um mundo melhor ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

Se o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade. Quando examinamos o raciocínio das crianças sobre questões morais, um dos aspectos da vida afetiva, percebemos que os conceitos morais são construídos da mesma forma que os conceitos cognitivos. Os mecanismos de construção são os mesmos. As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas.

É importante olhar para nossas crianças, sejam filhos ou alunos sob um outro prisma, buscando compreendê-las melhor no seu desenvolvimento total e na sua individualidade como um todo; dessa forma serão adultos mais centrados e felizes, sem medos extremos e sem

o temor de demonstrar suas emoções e expressar seu carinho por algo ou alguém.

O debate acerca das mudanças que devem ocorrer no sistema de ensino e no sistema educativo, encontra aportes nas teorias de Jean Piaget, Erik Erikson e Vygotsky na conceituação do sujeito da aprendizagem e da construção do conhecimento através da ação e interação desse sujeito com seus pares, com os adultos e sobre os objetos.

O educando sai do papel de "receptor" de uma transmissão hierárquica do conhecimento pelo sujeito detentor do saber, o professor, para o de "sujeito" de sua própria aprendizagem. Desta forma a aprendizagem deixa de ser um acúmulo de informações e passa ser uma construção do sujeito.

Nessa perspectiva as metodologias de ensino precisam de revisão. A ação sobre os objetos ganha espaço e deve estar prevista nas aulas. A criança aprende agindo, ouvindo, falando, discutindo, julgando, decidindo, resolvendo conflitos. O pensamento da criança deve ser desafiado sistematicamente. A criança deve refletir sobre o que faz, o que sente e o que aprende. O confronto de idéias, a troca de opiniões dos educandos entre si e com os educadores constroem a base do pensamento lógico.

O processo de ensino-aprendizagem deve ser desenvolvido de forma que o aluno faça descobertas e as formule com suas próprias palavras, em vez de constituir-se apenas em compreensão e memorização das conclusões que o professor julga importantes e verdadeiras. Dar muito mais atenção para o aluno, sua formação como pessoa, o processo de sua aprendizagem do que para conteúdos a serem transmitidos em um período de tempo delimitado ou para regulamentos a serem cumpridos.

O professor afetivo deve ser flexível, ciente de que o processo educativo é muito mais amplo que ler e escrever, mais do que simples

aptidões perceptivas e motoras, e estar pronto para aprender também, na troca, no compartilhar e nas emoções que cercam e são desencadeadas pelas conquistas de cada um, dentro de suas possibilidades e superação.

Torna-se coerente e necessário apontar que mesmo se utilizando várias estratégias, buscando todas as possibilidades possíveis para promover o nosso aluno, nem sempre somos felizes por completo, no resultado final. Alguns alunos recebem na instituição escola o que desejariam e precisariam receber de sua célula mais significativa e próxima: a atenção, o carinho, o incentivo pessoal e o cultivo de valores como respeito, valorização do outro, compreensão, solidariedade, entre outros, que são tão importantes.

A realização deste trabalho promoveu além da reflexão, de uma visão garantida pelo aporte teórico, a constatação de que sempre teremos alguns avanços e insucessos no que se refere à promoção do nosso aluno, somos semeadores e à algumas sementes falta energia e força para prosperar, para seguir adiante. Temos que continuar, buscando sempre que nossa ação tenha coerência e eco, na nossa sala de aula, na família e na escola, quando temos convicção que o melhor caminho para a interação, qualidade de vida, de aprendizagens e trocas interpessoais ocorrem pelas vias da afetividade.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Wallon e a Educação**. In: *Henri Wallon – Psicologia e Educação*. São Paulo: Loyola, 2000.

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BRÉTAS, A. A psicogenética Walloniana: alguns aspectos. In: C. Ferreira (Org.) *Psicomotricidade: da educação infantil à gerontologia*. Rio de Janeiro: Lovise, 2000. p. 33-40.

BONOW, Iva Waisberg. **Elementos de Psicologia**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1996.

BOWBY, J. **Apego**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLL, César et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DANTAS, P. *Para conhecer Wallon: uma psicologia dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ERIKSON, E.H. **Infância e sociedade**. Traduzido por G.Amado. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia em psicodrama**. São Paulo: Editora Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. São Paulo: Cortez, 1986.

GARCÍA, Jesús Nicásio. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

LEITE, Ivanise. **Emoções, sentimentos e afetos** (uma reflexão sócio-histórica). Araraquara: JM Editorial, 1999.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Só se ama o que se conhece**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Jean Piaget - Site Oficial, 1980.

LÜCK, Heloísa; CARNEIRO Dorothy Gomes. **Desenvolvimento afetivo na escola**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Introdução. In: **Henri Wallon – Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade**. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

NUSSNER, Tânia Mara. **Aprende-se por amor**: uma possibilidade de reestruturação do sujeito que não aprende na escola. Dissertação de Mestrado, Universidade de Havana/UNERJ, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl et alii. “Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias Psicogenéticas em Discussão**”. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

PAIN, Sara. **A função da ignorância**: as estruturas inconscientes do pensamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 3.ed. Porto Alegre: 1989.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. **A Psicologia da Criança**. São Paulo: Difel, 1980.

VASCONCELLOS, Vera M. R; VALSINER, Joan. **Perspectiva Co-construtivista na Psicologia e na Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.